

**A SEMÂNTICA DOS SUFIXOS
DE A CIDADE E AS SERRAS, DE EÇA DE QUEIRÓS**

Letícia Reis de Oliveira (UEMS)

leticia.uems@hotmail.com

Maiara Cano Romero (UEMS)

maiara.cano@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar o efeito de sentido dos sufixos na obra *A Cidade e as Serras*, do escritor português Eça de Queirós. Para seleção do *corpus* para análise escolhemos os capítulos 3 e 14. Os sufixos são elementos agregados ao radical de uma palavra com uma intenção, ou aumentativo, ou diminutivo, para indicar uma profissão, um lugar, uma nacionalidade, também são utilizados na formação de verbos e de advérbios. Esses variados efeitos causados pelo sufixo demonstram que mesmo que várias palavras possuam o mesmo radical, isso não afeta a sua significação que será distinta; ou seja, entenderemos a semântica da palavra por meio do sufixo agregado ao radical, acarretando sentidos distintos. Além disso, pretendemos investigar se esses elementos têm valor negativo ou positivo de acordo com o momento da história.

Palavras-chave: Semântica. Sufixo. *A Cidade e as Serras*. Eça de Queirós.

1. Introdução

O estudo da semântica das línguas possibilitou aos linguistas, aos professores de língua e também aos falantes, uma maior compreensão dos significados. Nesse sentido, selecionamos a obra “*A Cidade e as Serras*” do escritor português Eça de Queirós para verificar o valor, a carga semântica atribuída às palavras quando são alterados os sufixos.

Para essa breve análise, foram selecionados dois capítulos, o capítulo 3 e o capítulo 14, um no início e outro no final, justamente para verificar se a semântica dos sufixos, as significações deles, alteram algo na obra, se constroem algum sentido distinto.

Os sufixos são terminações que agregadas ao radical de uma palavra, dão sentido a ela, na língua portuguesa eles podem ser de origem grega ou latina, sendo que a segunda é a que predomina.

Diante disso, o presente trabalho tem como intuito averiguar a importância dos sufixos e como eles poder mudar as significações e auxiliar no entendimento de um texto.

2. A cidade e as serras: contextualização

A história é narrada por Zé Fernandes que é, na verdade, um personagem secundário. O protagonista é Jacinto, rapaz cuja família é de Paris, mas possui extensas terras em Portugal. Rico e bonito, tudo de bom acontece com ele, que é um entusiasta da civilização e dos avanços tecnológicos. Após um tempo viajando, Zé Fernandes reencontra o amigo Jacinto em Paris e fica maravilhado com os aparelhos e recursos modernos que ele tem em seu apartamento. Jacinto, porém, começa a se entediar e decepcionar com aquilo; seus aparelhos dão defeito por diversas vezes, o que contribui para sua tristeza, e mesmo o barulho das ruas da capital francesa o incomoda.

Depois de uma viagem para a Europa, o narrador retorna a Paris e encontra Jacinto mais deprimido, lendo o *Eclesiastes* e o filósofo pessimista Schopenhauer. Até que surge uma viagem para uma casa em Tormes, na serra portuguesa, que estava sendo reformada para receber as cinzas do avô de Jacinto. Ele prepara as malas com tudo a que tinha direito para passar um mês com conforto na serra, mas na viagem de trem, as malas se perdem e os dois chegam a Tormes apenas com as roupas do corpo. Jacinto pede a Zé Fernandes que, ao partir, faça reservas para ele em um hotel em Lisboa, para onde partirá. Cinco semanas depois, porém, Zé Fernandes descobre que, para sua surpresa, Jacinto ainda permanecia na vida simples, sem modernidade, de Tormes.

Jacinto estava feliz com o contato com a natureza. Começa então a melhorar a fazenda e a ajudar o povo pobre de lá, fazendo melhorias no local. Circula a lenda de que ele era, na verdade, D. Sebastião, que voltava para salvar Portugal. Ele toma contato com seus vizinhos proprietários e percebe neles uma visão retrógrada. Mas, mesmo assim, fica vivendo na serra. Casa-se com Joanhina, uma prima de José Fernandes, e passa lá a conviver feliz com o que a civilização tem a lhe oferecer. Planeja levar a esposa para conhecer Paris, mas o plano é sempre adiado. O próprio José Fernandes, ao voltar a Paris, se decepciona com a cidade e com a futilidade das pessoas, voltando para Portugal.

3. Estudo semântico: uma investigação do significado

A semântica em seu estudo volta-se para o significado das sentenças. O linguista busca descrever o conhecimento que o falante de uma língua tem sobre a sua língua e a linguagem. A semântica, de modo mais específico, busca descrever a capacidade de conhecimento semântico que o falante tem da língua. Para exemplificar, Cançado (2008) nos dá o seguinte exemplo com duas sentenças que descrevem a mesma situação:

A. O João acredita, até hoje, que a terra é quadrada.

B. O João ainda pensa, atualmente, que a terra é quadrada.

O conhecimento linguístico do falante possibilita que ele faça a diferenciação das duas sentenças e permite chegar à conclusão de que se referem a situações que não correspondem. Outros exemplos de Cançado:

(2) A. O João é um engenheiro mecânico.

B. O João não é um engenheiro mecânico.

Ainda, a conhecimento semântico que o falante do português do Brasil tem o leva a atribuir duas interpretações para a sentença abaixo:

(3) A gatinha da minha vizinha anda doente. (2008, p. 16)

São esses distintos fenômenos linguístico-semânticos que interessam ao campo da semântica. A investigação linguística do significado ainda interage com o estudo de outros processos, como o cognitivo, além dos processos especificamente linguísticos.

Os falantes nativos de uma língua têm a capacidade intuitiva para perceber e aceitar a estrutura semântica e gramatical de sentenças nessa língua como expressão de determinados significados, e, além disso, tem a competência de estabelecer analogias com outras formas de expressão desses significados, assim como de reconhecer ambiguidades e indefinições. Além disso, tem a percepção de como as propriedades de sentenças e de palavras e a maneira como essas sentenças e palavras se relacionam. Assim como um falante sabe o significado de uma determinada sentença, ele também sabe intuitivamente deduzir várias outras sentenças verdadeiras a partir da primeira.

Essas capacidades intuitivas parecem demonstrar o conhecimento semântico que o falante possui. Esse comportamento é mais uma prova de que seu conhecimento sobre o significado não funciona como uma lista de sentenças, mas sim como um sistema complexo onde o falante de

uma língua. Mesmo de modo inconsciente, o falante tem um conhecimento sistemático da língua que lhe permite fazer manobras linguísticas mais complexas. Portanto, a tarefa da semântica deve ser caracterizar em explicar essas relações sistemáticas entre palavras e entre sentenças de uma língua que o falante é capaz e tem competência de fazer.

A linguística reconhece que o falante de qualquer língua domina diferentes tipos de conhecimento em relação ao vocabulário de sua língua, como por exemplo, a pronunciar das palavras, como elaborar as palavras e as sentenças e como entender o significado das palavras e das sentenças. Já a semântica é o estudo do significado das línguas. Esta teoria faz parte da semântica estruturalista que, como Saussure, se ocupa apenas com a linguagem e não com as coisas do mundo. Quanto à especificidade, os estudos da descrição linguística têm diferentes níveis de análise, que, para Cançado se dá da seguinte forma:

O léxico, que é o conjunto de palavras de uma língua; a fonologia, que é o estudo dos sons de uma língua e de como esses sons se combinam para formar as palavras; a morfologia, que é o estudo das construções das palavras; a sintaxe, que é o estudo de como as palavras podem ser combinadas em sentenças; e a semântica, que é o estudo do significado das palavras e das sentenças. (2008, p. 15)

Na semântica lexical, as palavras são definidas umas em relação às outras. Segundo Cançado (2008), parte-se da ideia de que a capacidade linguística do ser humano é baseada em um conhecimento que o falante tem sobre a língua e a linguagem em geral. É justamente esse conhecimento que o linguista toma por objeto e busca investigar.

4. A semântica do léxico

A questão da semântica lexical teve início com Frege, que abordou a questão do significado para uma abordagem na interação com a lógica, ou seja, ligando o significado da sentença às condições de verdade, mas sem deixar de se preocupar com o significado lexical de maneira isolada. Outros filósofos da linguagem, como Wittgenstein, passaram a se preocupar mais com a estrutura e o significado da sentença, em detrimento do significado individual das palavras. Carnap, por sua vez, imaginou a interpretação semântica como um tipo de tradução de uma linguagem para outra – transformando o significado de uma palavra em outra palavra cujo significado fosse equivalente; mas o que ele não percebeu foi que, substituindo uma palavra por outra não se resolve o problema da in-

interpretação, pois, se não conhecemos significado da palavra, não explicamos a primeira. Outro estudioso, Tarski, foi um dos mais brilhantes quanto à interação entre a lógica e a linguagem, ele comparou as categorias lógicas às categorias semânticas, e, ao mesmo tempo, manter as condições-de-verdade como base para a significação da sentença; Quine, então já previne quanto ao problema da referência, e explica a distinção entre sentido e referência.

A semântica lexical é uma das vertentes relativas aos estudos de sentido. Esta teoria faz parte da semântica estruturalista, toma a linguagem como Saussure, à parte do mundo real. Desse modo, as palavras são definidas através da relação que possuem umas com outras, estabelecendo sentido e possibilitando significações. Para Cançado o significado está relacionado a uma estrutura sintática e de modo mais específico, a um lema. Veremos alguns conceitos da semântica:

Significação: representação mental relacionada a uma forma linguística, um sinal, um conjunto de sinais, um fato, um gesto etc.; aquilo que um signo quer dizer; aceção, sentido, significado (virtual).

Sentido: cada um dos significados de uma palavra ou locução; aceção com que está sendo empregada na frase ou texto (atual).

Sema: unidade mínima da significação

Léxico: é o conjunto de palavras usadas em uma língua ou em um texto. Quanto à língua, não existe um falante que domine por completo seu léxico, pois o idioma é vivo e vocábulos vão desaparecendo, enquanto novos surgem. Quanto ao texto, o léxico corresponde às palavras utilizadas na escrita do mesmo.

Campo lexical é formado pelas palavras que derivam de um mesmo **radical**. Assim, o campo lexical ou a *família* da palavra “pedra”, seria: apedrejar, pedregulho, pedraria, pedreira, pedrinha, entre outros.

Compreende ainda **as palavras que pertencem à mesma área de conhecimento:**

a) Escola: professor, caderno, aula, livro, apostila, material escolar, diretor etc.

c) Informática: web, pen drive, software, hardware, programas, gigabyte, memória RAM etc.

d) Linguagem bíblica: mandamentos, Jesus, Novo Testamento,

Apocalipse, Céus, Inferno, discípulos etc.

Campo semântico é o conjunto dos significados, dos conceitos, que uma palavra possui. Um mesmo termo tem ou pode ter vários sentidos, os quais são escolhidos de acordo com o *contexto* abordado.

Assim, são exemplos de campos semânticos:

a) levar: transportar, carregar, retirar, guiar, transmitir, passar, receber.

b) natureza: seres que constituem o universo, temperamento, espécie, qualidade.

c) nota: anotação, breve comunicação escrita, comunicação escrita e oficial do governo, cédula, som musical, atenção.

d) breve: de pouca duração, ligeiro, resumido.

A semântica é estudo das significações das palavras é um assunto na língua portuguesa que pertence à semântica. Para Pustejovsky (1995, p. 23), a semântica lexical deve especificar “como as palavras estão semanticamente relacionadas umas as outras”, incluindo as relações de “sinonímia, antonímia, hiponímia e herança semântica, meronímia, acarretamento e pressuposição”.

4.1. O sufixo

A língua se constitui em um processo dinâmico que, com o tempo, vai se transformando, adaptando-se às necessidades e tendências que surgem com mudanças na história da humanidade. A sociedade é, assim, fundamental para manipular a velocidade com que esses fatores, modificadores da língua, irão agir. Havendo modificação na língua, de qualquer espécie, vários aspectos devem ser considerados. A língua portuguesa sofreu diversas alterações ao longo de sua evolução, e essas modificações podem ser constatadas sob alguns aspectos.

Assim como todas as outras línguas vivas, o português também absorve estruturas gramaticais que objetivam “ampliar e renovar o seu léxico em função das palavras já existentes” (MATTOSE, 1976). Tal processo de derivação é mais um mecanismo originário do latim. O português do Brasil passou por inúmeras modificações no decorrer dos anos. O léxico foi muito ampliado e com isso e sofreu variações distintas. O

uso de sufixos, por exemplo, remete a um dos vários elementos importantes que existem para o funcionamento e ampliação de uma língua. Com isso, os sufixos são capazes de modificar o significado, e ainda, a categoria gramatical dos radicais aos quais são unidos.

Os sufixos, em língua portuguesa têm diversas origens, no entanto, a maioria é de origem latina. Elas podem ser nominais (formam substantivos e adjetivos), verbais (formam verbos) e adverbiais (formam advérbios). Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de *ação* e os que formam nomes de *agente*. Eles constituem uma das modalidades que participam do processo pelo qual as palavras são formadas – a derivação. Como resultado de tal acréscimo, podemos ter uma mudança na sua classe gramatical ou até mesmo uma alteração de sentido representado por esta. É importante analisar a escolha dos sufixos também como uma questão semântica (de significado), pois é comum que eles sejam usados “carregados” de intenções, que podem estar explícitas ou implícitas nos enunciados. Segundo Chaves (2006), a classificação quanto à derivação sufixal pode se dividir em:

a) Nominal → quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo – ponteira, pontinha;

b) Verbal → quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo – bordejar, amanhecer;

c) Adverbial → sufixo -mente acrescentado à forma feminina de um adjetivo – bondosamente, felizmente.

Os sufixos têm como definição o fato de serem postos depois do radical. Eles se caracterizam pela função ou pelo resultado que provocam. Sabe-se que os sufixos possuem ainda a característica de mudarem a classe de palavras em que estão inseridos. Como acontece, por exemplo, com o substantivo, não possuindo flexão de grau, sendo, então o -inho um sufixo derivacional. O -inho tem valor derivacional, já que a flexão consiste, essencialmente, no morfema aditivo sufixal somado ao radical, enquanto que a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: casa + s: casas (flexão de plural); casa + -inha: casinha (derivação) (BECHARA, 1999, p. 341). Além disso, os sufixos derivativos, em sua maioria são mais longos que as desinências gramaticais, além de estas serem, na maioria das vezes, átonas, enquanto

aqueles são normalmente tônicos. Outra distinção baseia-se nos sufixos que vêm logo após o núcleo, e as desinências após os sufixos (BECHARA, 1999, p. 339).

4.2. O valor semântico do sufixo em *A Cidade e as Serras*

Diante do fato de que a semântica é a unidade da língua que estuda os significados e as sentenças (CANÇADO, 2008). No contexto da obra literária, entende-se, que a alteração dos sufixos provavelmente resultará na mudança nos sentidos e no entendimento do texto.

Nesse sentido, no início da narrativa, mais precisamente no terceiro capítulo do livro, verificou-se que há o relato do espaço que Jacinto, o personagem principal, vive em Paris. A descrição de seu apartamento é feito de forma que aponta para diversos aparelhos tecnológicos que o jovem possui e que usa em seu cotidiano, além disso, há um relato da rotina do personagem, que parece ser bastante agitada.

Desse capítulo fez-se o recorte de alguns sufixos para análise, observe o quadro 1:

-ada	<ul style="list-style-type: none">• Lavrada, entrelaçada, banhado, aficionado, barbeado.
-eiro	<ul style="list-style-type: none">• Escudeiro, grosseiro.
-mente	<ul style="list-style-type: none">• Frequentemente, constantemente, intensamente, impacientemente, caridosamente.

O que a maioria dessas palavras coletadas no terceiro capítulo da obra, têm em comum são que elas possuem uma carga semântica de um cotidiano que é cronometrado, típico de cidade grande, o sufixo -mente, que forma advérbios que podem exprimir qualidade, quantidade/ medida, ou para ideia de relação de dois seres, mas no texto, o advérbio que predomina é o de quantidade, que intensifica com intuito de dar a ideia de agilidade, pressa.

Quadro 2:

-osa	• Gasosa, numerosa, vagarosa.
-inho	• Olhinho.
-oso	• Engenhoso, maravilhoso, majestoso.

No segundo quadro, apresentamos alguns sufixos com sentido aumentativo, outros com sentido diminutivo, mas observamos que as palavras com qualidades pejorativas, e apenas duas palavras com qualidades em um sentido de elogio, admiração.

Para verificarmos os sentidos dos sufixos no final do livro, selecionamos o capítulo 14 para observação e análise. O capítulo relata o momento da partida de Zé Fernandes e Jacinto, para Flor de Malva, local da residência de tio Adrião. O capítulo também apresentará o encantamento de Jacinto pelas terras, plantações e suas belezas.

Quadro 4:

-oso	• Delicioso, luminoso.
-inho	• Cheirinho, decilitrozinho, fresquinho, costumezinho, raminho.
-inha	• Taberninha, camisinha, criancinha • Joaninha, ruazinhas, capelinha.

No quadro 4, temos palavras de quando Jacinto está nas Serras, verificamos que há grande quantidade de termos com sufixos aumentativos e diminutivos, no entanto a carga semântica, o sentido das expressões não são pejorativas, mas demonstram admiração pela beleza das serras, a calma do lugar em relação a cidade, e a mudança no comportamento do personagem quando passa do ambiente urbano, para o campo, tanto é que até o nome de uma das personagens aparece no diminutivo “Joaninha”, para expressar delicadeza, ou carinho.

Quadro 5:

-eira	• Roseira, jasmineiros.
-ão	• Lentidão
-ura	• Frescura, doçura.

Quadro 6:

-ada	• Amada, espalhada.
-mente	• Graciosamente, longamente, alegremente, lindamente.

Nos quadros 5 e 6 também fica claro que a carga semântica das palavras torna-se mais positiva, além disso, algumas das palavras são adjetivos que descrevem as serras e mostram a apreciação do personagem pelo lugar. Também percebemos que o personagem observa a paisagem, as flores e se atenta até mesmo para o estado do ar, para o clima da região, algo que quando ele está na cidade passa despercebido por Jacinto.

Pode-se observar que no terceiro capítulo do livro, a semântica das palavras, atribuídas pelo sufixo, são de pesar, expressão a rapidez, e às vezes até demonstra algo grosseiro, ou seja, elas possuem valor negativo. Isso porque os personagens vivem na cidade, em meio à agitação, a pressa em desenvolver seus afazeres do dia a dia, nesse sentido, fica evidente a falta de sensibilidade para apreciar belezas que provavelmente também teria no ambiente urbano.

Já no capítulo quatorze, momento em que os personagens vão para a serra, as palavras expressão uma calma e o encantamento com as belezas do local. A maior ocorrência do sufixo nesse capítulo são aqueles que causam o efeito de diminutivo, demonstrando assim que a sensibilidade dos personagens mudam pelo fato de estarem em um local mais tranquilo, perto da natureza e longe da agitação da cidade.

5. Considerações finais

Entende-se que os sufixos podem alterar completamente a semântica das palavras, os sentidos e causar efeitos em um determinado contexto. Também é importante levar em conta o que cada tipo de sufixo expressa para entender o sentido que ele dá no texto.

Percebe-se que é possível fazer análise do uso do sufixo dentro de uma obra literária como ferramenta para auxiliar na compreensão do texto.

Conclui-se que esse tipo de análise pode ser uma ferramenta para ser utilizada em sala de aula, pois além de facilitar a compreensão do valor semântico das palavras, também irá auxiliar na compreensão textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica. Noções básicas e exercícios*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CHAVES, Anna Libia Araujo. *O sufixo -inho nas entrevistas do VALPB – uma análise semântico discursiva*. 2006. – Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

QUEIRÓS. E. *A cidade e as serras*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].